

REFLEXÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Rodrigo Cirino Mendes (Graduando em Bacharelado em Ciências Biológicas UFPB/CCA)

rodrigobiologogs@gmail.com

Prof^ª. Dra. Anita Leocádia Pereira dos Santos (DCFS/CCA/UFPB)

anitaleopereira@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar aprendizagens de gênero de graduand@s, através das discussões dos filmes Terra Fria (2005), Soledade (1976), Transamérica (2005) e do vídeo-documentário Coragem Mulher (2008), evidenciadas no Curso de Extensão “Gênero e Sexualidade em Debate, pela Construção da Paz”, com carga horária de 30 horas, realizado no período de maio a julho de 2011, como atividade do Projeto de Extensão do mesmo título - PROEXT/MEC/2011, executado no Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba-CCA/UFPB, Campus II, Areia-PB. O grupo pesquisado foi composto por 44 estudantes dos Cursos de Graduação do CCA, como também de outras instituições de ensino superior, com idades entre 18 e 46 anos, sendo 12 homens e 32 mulheres. As práticas pedagógicas adotadas no Curso, baseadas em diálogos, tiveram como objetivo provocar a reflexão e o debate sobre gênero e sexualidade, com vistas à crítica e desconstrução de preconceitos. A metodologia adotada foi observação participante, com dados coletados através de registros diários sobre as aulas do Curso para a construção do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, do qual este texto é um recorte. A análise dos dados foi realizada com base nos estudos de gênero e na teoria da dominação masculina de Bourdieu, com conceitos como gênero, homofobia, heteronormatividade, *habitus*, androcentrismo e violência simbólica. Os filmes funcionaram como uma lente para enxergar os elementos da dominação masculina e da violência sutil empreendida pela cultura androcêntrica, socialmente instituída, que subjuga tanto mulheres como homens. Os resultados apontaram para a percepção dos preconceitos e para a compreensão de novos conceitos de gênero, numa reflexão crítica da sociedade, a partir de intervenções pedagógicas facilitadoras da reflexão e discussão das questões de gênero, em atitudes e em conteúdos teóricos, proporcionando uma experiência educativa e prazerosa aos estudantes no contexto da educação superior.

Palavras Chaves: Relações de Gênero; Preconceitos; Androcentrismo.

INTRODUÇÃO

As relações de gênero estão relacionadas a um sistema cultural de relações de poder baseadas em um conjunto de qualidades, papéis, identidades e comportamentos opostos, atribuídos a homens e mulheres com imposições desde o nascimento, a exemplo dos enxovais: azul para os meninos e rosa para as meninas (SOUSA; CARVALHO, 2003). Nessa perspectiva, o conceito de gênero é relacional, se refere à construção sociocultural do masculino e do feminino e emergiu do feminismo contemporâneo (LOURO, 2004).

Segundo Whitelaw (2000), o nosso gênero é parte fundamental de quem nós somos e afeta tanto a compreensão de nós mesmos como o mundo a nossa volta, afetando as interações com os/as outros/as e com a sociedade; como também afeta a forma com que os outros nos veem. Dessa forma, o gênero está intimamente relacionado às instituições educacionais, uma vez que elas fazem parte da sociedade.

Os papéis de gênero, segundo Bourdieu (2005), são frutos da organização simbólica da divisão social do trabalho e das construções arbitrárias do masculino e do feminino que se apoiam, sobretudo, na reprodução biológica, o que fundamenta à visão “natural” androcêntrica da divisão sexual do trabalho. Desta forma, a cultura define o gênero na história, com estratégias sociais, a partir das características biologizadas dos sexos. As mulheres são submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las e a conduzi-las a aprendizagem das virtudes de abnegação, resignação e silêncio. Por vezes, as mulheres são rebaixadas socialmente a meros objetos ou símbolos, cujo sentido é contribuir para o aumento do capital simbólico em poder dos homens.

O privilégio masculino, porém, é uma cilada para o homem e encontra sua contrapartida na tensão e na contensão que impõe a todo homem o dever de afirmar em toda e qualquer circunstância sua virilidade (capacidade reprodutiva, sexual e social, e também entendida como aptidão ao combate e ao exercício da violência), ou seja, pertencente a um grupo de “verdadeiros homens” (BOURDIEU, 2005, p. 64).

Dessa forma, tanto a mulher como o homem devem se enquadrar em estereótipos de gênero ou sofrem violência, preconceito, discriminação. Assim, a força da ordem masculina se evidencia, dispensando justificção, impondo-se como neutra e a sociedade funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a reafirmar a visão legítima da dominação masculina pela distribuição das atividades atribuídas a cada um dos sexos (BOURDIEU, 2005).

Conforme Louro (2001), a sociedade constrói contornos que demarcam fronteiras entre aqueles que representam a norma, ou seja, aqueles que estão em consonância com seus padrões culturais, e aqueles que ficam fora dela, às suas margens. O gênero está nas instituições educacionais, como parte da sociedade, os comportamentos, e fabricando sujeitos. Atualmente, a escola encontra-se com grande peso de influencia social, uma vez que dentre as instituições existentes, ela é responsável oficialmente pela educação dos indivíduos e pode promover alterações no meio social.

Os modos de ser e disposições humanas são influenciados por vários elementos, apontados por Bourdieu (2005) como principais, as instituições: família, igreja, escola e Estado, cujos pesos relativos podem ser diferentes, nas diferentes épocas. De acordo com Carvalho (2000), o estudo das relações de gênero ainda é incipiente na educação e na formação docente em nível nacional e, particularmente, na Paraíba e as desigualdades de sexo e gênero estão pouco presentes nas políticas e práticas educacionais.

Portanto, se professores e professoras ainda não refletiram o suficiente sobre as problemáticas de sexo e gênero, embora estejam entre as questões consideradas de grande relevância às problemáticas sociais, propostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), ocorre a dificuldade de desenvolver práticas pedagógicas que possam refletir sistematicamente sobre as relações de gênero, renovar na produção de novos conceitos e as práticas escolares tendem a ser predominantemente reprodutoras das desigualdades entre os gêneros.

A escola ainda hoje tem como principal finalidade a educação para o mundo do trabalho com conteúdos tradicionais, e essa centralização compromete a aceitação de alguns professores para trabalhar os variados temas transversais. Segundo Caetano (2008), as temáticas de gênero e sexualidade são focadas na maioria das escolas apenas com relação às preocupações de prevenção a gravidez e combate a AIDS e DSTs, sem um aprofundamento crítico e sem debates inovadores nas instituições de ensino. Ademais, a educação sexista, de acordo com Sousa e Carvalho (2003), tem sido sistematicamente apontada como um dos obstáculos mais fortes à construção de uma sociedade com equidade de gênero.

Felizmente, a preocupação com essa temática está sendo gradativamente introduzidos nas universidades, podendo contribuir ainda que parcamente com a formação inicial para a docência. Faz-se necessário que as instituições de ensino, inclusive na

educação superior, busquem ações voltadas para o enfrentamento dos preconceitos de gênero, criados socialmente, por meio de estratégias pedagógicas e discussões, que objetivem a construção do respeito à diversidade de ser homem e de ser mulher.

Conforme Junqueira (2008), as discussões acerca da pluralidade dos corpos, da diversidade sexual e de gênero devem partir de uma perspectiva de inclusão social, do reconhecimento, da emancipação e da produção e democratização do conhecimento. O autor ainda aponta que, para se construir um modelo de escola e sociedade democrática, será preciso empenho em particular para desestabilizar as noções de masculinidade e feminilidade, promover a equidade social entre homens e mulheres, e reconhecer os direitos de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travesti e transexuais, sem deixar de observar e problematizar, é claro, todas as formas de preconceito, discriminação e violência ligadas ao sexismo e à homofobia.

Nessa direção, o objetivo desse trabalho é analisar aprendizagens de gênero de graduand@s, a partir de intervenções pedagógicas, quais sejam as discussões dos filmes Terra Fria (2005)¹, Soledade (1976)² Transamérica (2004)³, e do vídeo-documentário Coragem Mulher (2008)⁴, durante o Curso de Extensão “Gênero e Sexualidade em Debate, pela Construção da Paz”, realizado no Centro de Ciências Agrárias - CCA, na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, como atividade do Projeto de Extensão do mesmo título - PROEXT/MEC/2011, executado no Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba-CCA/UFPB, Campus II, Areia-PB.⁵

METODOLOGIA

¹ Título Original: North Country. Direção: Nikki Caro. Roteiro: Michael Seitzman. EUA: Warner Bros, 2005. Drama. 2h: 6min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tjec1RsoOiU>>

² Título Original: Soledade – A Bagaceira. Direção: Paulo Thiago. Roteiro: Ivan Cavalcanti Proença, Paulo Thiago. Rio de Janeiro: Paulo Thiago Produções Cinematográficas LTDA, 1976. Drama Rural. 88 min.

³ Título Original: Transamerica. Direção: Duncan Tucker. Roteiro: Duncan Tucker. EUA: Belladonna Productions, 2005. Drama. 103 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BaAwH51KOzs>>

⁴ Documentário sobre Violência Contra a Mulher. Direção: Mislene Santos. Roteiro: Mislene Santos e Christine Ferreira. Paraíba: UFPB, 2008. 20 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pBa5rALQulM>>

⁵ Este Projeto foi o primeiro de uma série de Programas de Extensão, sobre a mesma temática, realizados em 2012, 2013, 2015 e com aprovação para 2016, coordenados pela Professora Dra. Anita Leocádia Pereira dos Santos DCFS/CCA/UFPB.

A pesquisa foi realizada com abordagem de investigação qualitativa, registrando as expressões e opiniões sobre gênero e sexualidade dos cursistas, bem como os preconceitos explicitados no contexto do Curso de Extensão “Gênero e Sexualidade em Debate”, com carga horária de 30 horas, no período de abril a julho de 2011. As inscrições foram abertas para todos os alunos de graduação do CCA, para mulheres envolvidas em movimentos sociais, associações e para educadoras no município de Areia. Houve um total de 117 pessoas inscritas, sendo 26 do sexo masculino e 91 foram do sexo feminino. Foram organizadas duas turmas, sendo uma de graduand@s e outra com pessoas da comunidade externa. Para este trabalho, foi feita uma delimitação, sendo analisados apenas os dados relativos às atividades dos filmes com os estudantes de graduação de Ciências Biológicas e Agronomia do CCA, que se inscreveram e participaram do referido Curso.

A amostra foi composta por 44 estudantes, com idades entre 18 e 46 anos, sendo 12 do sexo masculino e 32 do sexo feminino, majoritariamente do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFPB/CCA, existindo também alunos ou alunas de outros cursos de graduação do mesmo Centro, como também discentes de outras instituições, como Universidade Estadual da Paraíba-UEPB e da Universidade do Vale do Acaraú-UVA/PB.

Os conteúdos trabalhados pertinentes à temática de gênero e sexualidade versaram sobre preconceito, discriminação, androcentrismo, heteronormatividade, sexismo, *habitus*, equidade de gênero, dicotomia, estereótipos de gênero, homofobia, misoginia, entre outros, e foram realizadas rodas de conversa, debates, exposições dialogadas. Os filmes trabalhados no Curso de Extensão foram Terra Fria (2005), Transamérica (2005), Soledade (1976) e o vídeo-documentário Coragem Mulher (2008).

Para analisar as expressões dos alunos durante o Curso e a importância do mesmo foram realizados registros através da observação participante, como aluno de graduação do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba CCA/UFPB e bolsista do Projeto “Gênero e Sexualidade em Debate, pela Construção da Paz”, tornando possível obter os registros das aulas do referido curso para o desenvolvimento deste trabalho.

Para manter o sigilo e permitir maior liberdade expressão para os alunos e alunas, a identificação presente nesse estudo é apenas da idade, sexo e curso de graduação vinculado. Os registros das aulas com os filmes, juntos aos alunos e alunas de graduação

participantes do curso de Gênero e Sexualidade, foram analisados sob o aporte teórico dos estudos de gênero com homofobia, heteronormatividade e da teoria da dominação masculina com conceitos como *habitus*, androcentrismo, violência simbólica (BOURDIEU, 2005).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Filme Terra Fria (2005) é um drama baseado em fatos reais que conta a história da personagem “Josey Aimes” que após sofrer, mais uma vez, violência de seu marido, em pleno natal, decide voltar com seus dois filhos à cidade de origem onde vive seus pais, em Minnesota. Procurando por um bom emprego em sua cidade, Josey descobre através de sua amiga dos tempos de escola, Glory, a existência de trabalho em uma tradicional mina de carvão da região. A “Mineradora Pearson”, onde poderia ganhar um salário melhor e realizar seu sonho de se sentir no controle de sua própria vida, de ser a dona de seu destino. A mina é reservadamente um espaço masculino, e as mulheres que recentemente passaram a trabalhar sabem que não são bem vindas pelos mineiros e como mineiras sofrem muitos episódios de discriminação, preconceito e violência dentro e fora da mineradora.

A “Josey” vem ter consciência inicial disso pela desaprovação de seus pais quando comunicou que iria trabalhar na mina e quando foi obrigada a fazer exame ginecológico para obter sua admissão, diante da garantia médica de que não estaria grávida. Este exame seria depois comentado de forma desrespeitosa pelo médico da mineradora, junto aos demais mineradores. Os acontecimentos nesse filme não se dão de forma linear. O momento presente se dá em um tribunal em que a Josey está processando a Mineradora Pearson, ocorrendo flashes de cenas dos eventos que levaram até o momento da audiência, ocorrendo uma aproximação do presente com o passado na medida em que os fatos são apresentados no tribunal. Os eventos tomam grande proporção a ponto das mineiras ganharem uma política de combate ao assédio sexual que as protegeria, tendo posteriormente um impacto mundial na modificação e criação de leis que protegem as mulheres do assédio sexual.

O Filme Soledade (1976) é uma produção brasileira que tem como cenário o engenho Marzagão, na Paraíba. Este filme conta a história de uma retirante chamada de “Soledade” que com sua beleza e sensualidade desperta o amor e o ódio entre pai e filho, grande proprietários do engenho. Em Soledade, é possível perceber os espaços e funções

socialmente apropriados para mulheres, como lar e cuidados domésticos, no mundo privado. A “Maria da Gloria” (Mulher do Jovem Lucio) aparece em quase todas as cenas dentro da casa. Já a “Soledade” apesar de estar sempre no ambiente de fora da casa grande, suas atividades está sempre ligada ao cuidado das pessoas e dos animais e que por estar dentro da propriedade do engenho, o coronel Dagoberto (Pai de Lúcio), toma a “Soledade” como propriedade sua.

A questão da honra também é tratada no filme Soledade, e apresenta significados diferentes para homens e mulheres. A honra é dada a mulher apenas pela virgindade, nessa perspectiva a mulher nunca conquista/ganha ou restitui a sua honra, sendo a sua tendência perdê-la. Ao homem é dado a honra ou o encargo de conquistar ou restituir a sua honra por meio da violência; ao descobrir, o caso do coronel com a Soledade, o Valentim (pai da jovem) e Pirunga (irmão adotivo de Soledade) foram em busca do coronel para recuperar a honra da Soledade pelo empreendimento da violência.

Terra Fria e Soledade são bons filmes para discussão e análise dos conceitos de gênero, uma vez que são produções cinematográficas baseada em fatos em reais, relatando uma história de vida próxima o suficiente da realidade dos estudantes o que possibilita fazer uma comparação crítica com seu cotidiano ao mesmo tempo que se distancia o suficiente de suas vidas, facilitando uma análise reflexiva das práticas sociais.

Após a apresentação dos filmes foi realizada rodas de conversas, o qual foi discutido os papéis sociais de homens e mulheres, os espaços binários e dicotômicos reservados para os sexos, a misoginia, o assédio sexual contra a mulher, a violência de gênero e o androcentrismo ainda persistente em nossa sociedade.

A questão da transexualidade foi trabalhada por meio do Filme Transamérica (2005) que baseado em uma história real, chocou os alunos e alunas, por apresentar a pessoa transgênero de uma forma inesperada dos filmes comumente assistidos; mostrando os sonhos, os medos, o sofrimento e vitória de uma personagem totalmente marginalizada pela sociedade. A transexualidade foi estudada de acordo com a visão de Carvalho, Andrade e Junqueira (2009, p. 46):

A transexualidade é uma experiência identitária caracterizada pelo conflito com as normas de gênero e pela reivindicação do reconhecimento de uma nova identidade de sexo e de gênero. Contrariando o discurso médico tradicional, a transexualidade não é uma

“doença mental” (denominada “disformia de gênero”) e nem se define necessariamente pela expressão do desejo de alterar cirurgicamente a anatomia sexual da pessoa. Transexual é toda pessoa que reivindica o conhecimento social e jurídico de uma identidade de sexo/gênero diferente daquele que lhe foi atribuída/imposta no momento de seu nascimento ou após ele.

Através da exibição do filme Transamérica no Curso, alunos e alunas foram solicitados a expressar sua percepção sobre a história da protagonista “Sabrina ou Bree” por meio de uma palavra. As palavras mencionadas foram sofrimento, coragem, medo, preconceito, força, insegurança, mudança, aceitação, dificuldade, incompreensão, sonhos, conflito e família. Essas palavras caracterizam a trajetória de uma mulher transexual chama “Bree” que descobre que teve um filho “Toby” momentos antes de sua cirurgia de mudança de sexo. Abaixo alguns relatos dos alunos e alunas do curso de gênero e sexualidade a respeito do filme Transamérica:

O filme é muito interessante, mostra um transexual sem promiscuidade, que quer apenas se tornar completa. Proporciona-nos momentos engraçados e momentos de reflexão sobre um assunto polêmico e ainda pouco debatido e aceito. (Aluna de Ciências Biológicas, 41 anos)

O filme (Transamérica) aborda bem vários pontos, por exemplo: homossexualidade, transexualidade e uma série de preconceitos e discriminação em relação a ambos. Preconceito esse que ninguém nos dias de hoje deveria enfrentar, mas infelizmente enfrenta e muitas vezes sofrem com a violência daqueles que não aceitam a opção sexual e a ideologia de vida de cada um. (Aluno de Ciências Biológicas, 21 anos)

O filme relata a vida de outros transexuais que na vida real enfrentam realidades como a do ator que não era aceito dentro de sua própria família. Das quais elas passam preconceitos, discriminação, rejeição perante uma sociedade que se acha “normal”, onde o certo é homem ser homem e mulher ser mulher sem aceitar a diferença do seu próximo. (Aluna de Ciências Biológicas, 24 anos).

A exibição do filme Transamérica causou um embate nos alunos e alunas, pelo fato da norma heterossexual da sociedade estar, aparentemente, muito enraizada nos corpos e mentes dos estudantes. Porém, com o desenrolar das cenas foi perceptível que o choque de realidade transmitido pelo filme, foi substituído por expressões de compreensão e aceitação para com a protagonista transexual, como também indignação, quando a mesma personagem sofria algum tipo de preconceito e discriminação.

Durante os debates do Curso aconteceu o esclarecimento de que para os transexuais terem seus direitos de cidadania garantidos é necessário respeitar suas identidades de gênero, reconhecendo-lhes o direito de serem tratados de acordo com a identidade de gênero escolhida por eles mesmos e não a identidade do sexo biológico, preferida socialmente: “O filme Transamérica mostrou um lado desconhecido por mim, o ser humano que ali há e o quanto é frágil, difícil e doloroso é ser diferente e não ser aceito.” (Aluna de Ciências Biológicas, 34 anos).

Alunos e alunas identificaram entre as temáticas trabalhadas, ao longo da programação do curso de Gênero e Sexualidade, a que eles ou elas consideravam ser mais importante ou mais marcante. Entre as alunas em sequência decrescentes apontadas foram em primeiro lugar a violência doméstica contra a mulher; em segundo lugar o assédio moral e sexual contra a mulher no trabalho; em terceiro lugar a transexualidade e em quarto lugar a homofobia. Para os alunos, as temáticas trabalhadas que eles consideraram ser mais importantes ou mais marcantes na programação do curso, em ordem decrescente foram: a violência doméstica contra a mulher, a homofobia, o assédio moral e sexual contra a mulher no trabalho e a transexualidade.

Para todas as pesquisadas e os pesquisados, a violência contra a mulher assume a dianteira de importância como tema debatido no Curso de Extensão, sendo uma problemática de alta relevância. A violência doméstica contra a mulher foi configurada no curso, segundo a Lei 11.340/06, como “[...] qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (BRASIL, 2006) e necessita ser debatida também no aspecto educacional. De acordo com depoimentos, muitos dos alunos e alunas do Curso presenciaram ou já presenciaram essa mesma violência no seu ambiente familiar ou na vizinhança.

No vídeo documentário Coragem Mulher (2008) foram exibidas depoimentos e relatadas situações fortes da realidade esquecida e abafada das mulheres vítimas de violência de seus próprios maridos como também da sociedade androcêntrica. Esse documentário, juntamente com a discussão da Lei 11.340/06 (Maria da Penha), permitiu que os alunos e alunas percebessem que a violência doméstica pode tomar proporções irreversíveis e que essa violência não pode ser considerada “normal” entre os casais.

Através das reflexões proporcionadas pelo Curso, os estudantes perceberam-se, também, como empreendedores dessa mesma violência por meio da omissão naturalizada

do senso comum: “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. De forma geral, as predileções pelas temáticas trabalhadas no Curso de Gênero e Sexualidade estão associadas às questões vividas ou vivenciadas no cotidiano desses alunos e alunas, relacionadas à violência e ao preconceito ainda existente na sociedade contemporânea.

Esses materiais cinematográficos possibilitaram a discussão, análise e reflexão de muitos conceitos de gênero, presentes no glossário de Gênero e Diversidade Sexual e do Projeto “Iguais Porque Diferentes” (2009), como: 1.Androcentrismo; 2.Corpo; 3.Divisão Sexual do Trabalho; 4.Discriminação; 5.Diversidade; 6.Empoderamento; 7.Equidade de Gênero; 8.Estereótipo de Gênero; 9.Feminismo; 10. Gênero; 11.Habitus; 12.Instituição; 13.Machismo; 14.Masculinidade Hegemônica; 15. Misoginia; 16.Patriarcado; 17.Preconceito; 18.Saúde no Trabalho; 19.Sexismo; 20. Sexualidade; 21.Violência de Gênero; 22.Violência Simbólica.

Entre os conceitos aprendidos ao longo do Curso de Extensão, os destacados pelos alunos e alunas foram: homofobia (43%), androcentrismo (23%), heteronormatividade (15%), transexualidade (14%), habitus (3%) e misoginia (2%). Os participantes do Curso afirmaram que os filmes e os conceitos foram de grande importância para o melhor entendimento da temática, para aprimorar os conhecimentos, para respeitar a diversidade e elucidar questões encaradas diariamente e que são vistas como normais pela maioria das pessoas.

A consciência desses conceitos permite a compreensão da lei social convertida em lei incorporada, tornando-se ferramentas importantes e necessárias para legitimar o respeito à diversidade e combater os preconceitos e estereótipos do senso comum. Os preconceitos não são apenas fortes e influentes porque coagem os indivíduos que vitimizam, mas também porque são eficazes pelo processo de internalização de diferenças ditas como desqualificantes (CAETANO, 2008).

A discriminação e o preconceito são alimentados pelos estereótipos socialmente criados. Segundo Carvalho, Andrade e Junqueira (2009), o estereótipo funciona como um dispositivo de visão e de classificação das pessoas, sendo uma representação simplificadora geralmente prejudicial a um grupo e resistente à correção por causa da argumentação lógica parcial ou ainda exagerada, funcionando como instrumento de discriminação e de masculinidade hegemônica.

A maioria dos alunos e alunas do curso relatou que é possível desenvolver o respeito e a equidade entre as pessoas, no que concerne as questões de gênero e sexualidade, mas que para isso é necessário um árduo trabalho de conscientização que terá que contar com o apoio de todos os setores da sociedade.

Junqueira (2008) atesta que a consolidação de uma sociedade democrática e de educação de boa qualidade depende também da problematização e do enfrentamento do sexismo, da homofobia e de seus efeitos. E isso só será alcançado se nos dedicarmos a superar nossas limitações, questionar radicalmente nossos preconceitos e promover mudanças significativas na organização da vida social e de nossas atitudes. Hall (2005) corrobora essa mudança ao dizer que à medida que os sistemas de significação e representação culturais são produzidos e transformados, todos os sujeitos sociais também sofrem modificação, evidenciada em relatos dos alunos e alunas a respeito de relações de gênero e sexualidade:

Passei a não ter vergonha e medo de falar com alguns homossexuais que participam de algumas atividades e até na universidade (Aluno de Ciências Biológicas, 21 anos).

Tornou nosso conhecimento sobre a temática mais amplo, podendo transmiti-lo na forma de conscientizar as pessoas contra a violência (Aluna de Agronomia, 19 anos).

O curso foi sensacional, quem fez ou participou com certeza não será mais mesmo, pois há uma diferença entre participar de um curso e senti o curso a ponto de interferir na sua vida (Aluna de Ciências Biológicas, 23 anos).

Bourdieu (2005) confirma ser ilusório crer que a violência simbólica seja vencida apenas com as armas da consciência e da vontade, pois seus efeitos e as suas condições de eficácia estão duramente inscritas no mais íntimo dos corpos, sob a forma de aptidões e inclinações. Entre as mudanças ocorridas, os alunos/as relataram que aprenderam a ter maior compreensão e respeito da diversidade de gênero e sexualidade; a abolir preconceitos repassados desde a infância; ter visão mais abrangente das pessoas e do meio em que vivem; olhar criticamente atitudes e hábitos considerados como normais; a refletir sobre si mesmo através das relações de gênero; e se policiar para não promover a discriminação e ainda conscientizar as outras pessoas sobre as violências de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a análise dos dados, as iniciativas pedagógicas para a construção da equidade de gênero foram de grande valia, uma vez que o Curso de Extensão “Gênero e

Sexualidade em Debate” trouxe contribuição acadêmica de relevância social para os alunos de graduação ao favorecer que fossem discutidos os preconceitos oriundos do senso comum e a estes contrapostos os conceitos teóricos sobre gênero e sexualidade.

Nessa perspectiva, os debates, discussões e rodas de conversas proporcionadas pelos filmes foram de grande importância para os estudantes cursistas, uma vez que permitiu um espaço dialógico para reflexão das questões de gênero e promoção do respeito à diversidade. Para Carvalho (2000), a consciência de gênero facilita a mudança na autoimagem, nos sentimentos de inferioridade e nas crenças sobre direitos e capacidades, o que promove a autonomia individual e também a solidariedade.

As reflexões sistemáticas foram, conforme foi declarado pelos estudantes, válidas e úteis para a modificação de mentalidades e de sentimentos durante o Curso. Estas alterações não podem ser simplesmente calculadas ou contabilizadas imediatamente, uma vez que as transformações serão evidenciadas ao longo do tempo. Porém, de acordo com os estudantes, é impossível declarar que o Curso não provocou qualquer mudança em seus participantes, pois afirmaram ter modificado a forma de perceber o mundo pela lente crítica do gênero, fator que poderá interferir em suas atitudes.

A consciência de gênero em alerta tornando-se ferramenta importante e necessária para legitimar o respeito à diversidade e combater os preconceitos do senso comum. Ocorreu a sensibilização dos alunos e alunas participantes do Curso sobre as questões de gênero e sexualidade de forma didática e interativa, bem como a relação de tais temáticas com a violência existentes no cotidiano, que permitiu a possibilidade de que novos comportamentos, valores e sentimentos fossem vislumbrados ao longo das discussões no sentido de promover a equidade e o respeito à diversidade de gênero.

O entendimento dos conceitos dos estudos de gênero são instrumentos imprescindíveis na análise crítica das estruturas da ordem androcêntrica e na construção de uma realidade pautada na equidade de gênero, e o filme Terra Fria, Soledade, Transamérica e o vídeo documentário Coragem Mulher podem ser utilizados como um grande facilitador na discussão, reflexão sobre as relações de gênero e da compreensão de conceitos necessários à crítica as violências de gênero. Portanto, este estudo demonstra que as questões de gênero e sexualidade podem trazer ganhos de grande relevância para a equidade de gênero e respeito à diversidade na contemporaneidade e contribuir para a

formação inicial na docência, como também na formação profissional da graduação em geral, numa perspectiva cidadã.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 08 ago. 2006. Seção 1, p. 1-2.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual – temas transversais**. Brasília, v. 10, 1998.
- CAETANO, M. Côncavo e Convexo: os limites e sentidos do olhar. In: SILVA, F. F. *et al.* (orgs) **Sexualidade e Escola: compartilhando saberes e experiências**. 2ªed. Revisada e ampliada. Rio Grande: FURG, 2008.
- CARVALHO, M. E. P. Introdução à Questão das Relações de Gênero na Educação. In: **Consciência de Gênero na Escola**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2000.
- CARVALHO, M. E. P.; ANDRADE F. C. B.; JUNQUEIRA, R. D. **Equidade de Gênero e Diversidade Sexual na Escola: por uma prática pedagógica inclusiva**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2009.
- _____. **Gênero e Diversidade Sexual: um glossário**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2009.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 13.
- JUNQUEIRA, R. D. Por uma Pedagogia da Diversidade de Corpos, Gênero e Sexualidade. In: SILVA, F. F. et al. (orgs) **Sexualidade e Escola: compartilhando saberes e experiências**. 2ªed. Revisada e ampliada. Rio Grande: FURG, 2008.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 7ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L. et al. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo horizonte: Autêntica, 2001.
- SOUSA, V. A.; CARVALHO, M. E. P. **Por uma Educação Escolar Não-Sexista**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2003.